

# ADAM SMITH

# A RIQUEZA DAS NAÇÕES

Uma Investigação sobre a Natureza  
e as Causas da Riqueza das Nações



MADRAS®

Publicado originalmente em inglês sob o título *The Wealth of Nations*.  
Direitos de tradução para todos os países de língua portuguesa.  
© 2020, Madras Editora Ltda.

*Editor:*  
Wagner Veneziani Costa (*in memoriam*)

*Produção e Capa:*  
Equipe Técnica Madras

*Tradução:*  
Getulio Schanoski Jr.

*Revisão de Tradução:*  
Aline Naomi Sasaki  
Camila Zanon

*Revisão:*  
Sílvia Massimini Felix  
Flávia Ramalhete

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Smith, Adam, 1723-1790.

A riqueza das nações: uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações/Adam Smith; tradução Getulio Schanoski Jr. – São Paulo: Madras, 2020.  
Título original: An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations.

ISBN 978-85-370-0553-8

1. Economia 2. Smith, Adam, 1723-1790 I. Título.

09-11787

CDD-330

Índices para catálogo sistemático:

1. Economia

---

Os direitos de tradução desta obra pertencem à Madras Editora, assim como a sua adaptação e coordenação. Fica, portanto, proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição, em língua portuguesa, reservados pela



**MADRAS EDITORA LTDA.**

Rua Paulo Gonçalves, 88 – Santana

CEP: 02403-020 – São Paulo/SP

Caixa Postal: 12183 — CEP: 02013-970

Tel.: (11) 2281-5555 – (11) 95746-3262

**www.madras.com.br**



# Índice

---

Introdução e Plano de Trabalho .....	9
--------------------------------------	---

## **LIVRO UM**

Das Causas da Melhoria nas Forças Produtivas do Trabalho e da Ordem de acordo com as quais sua Produção É Naturalmente Distribuída entre as Diferentes Classes de Pessoas .....	13
Capítulo 1	
Da Divisão do Trabalho .....	14
Capítulo 2	
Do Princípio que Leva à Divisão do Trabalho .....	21
Capítulo 3	
Que a Divisão de Trabalho é Limitada pelo Tamanho do Mercado .....	25
Capítulo 4	
Da Origem e do Uso do Dinheiro .....	29
Capítulo 5	
Do Preço Real e Nominal dos Produtos, de seu Preço em Trabalho e seu Preço em Dinheiro .....	35
Capítulo 6	
Das Partes Componentes do Preço das Mercadorias .....	48
Capítulo 7	
Do Preço Natural e do Preço de Mercado das Mercadorias .....	54
Capítulo 8	
Dos Ganhos do Trabalho .....	62

Capítulo 9	
Dos Lucros do Capital .....	80
Capítulo 10	
Dos Salários e Lucros nos Diferentes Empregos de Trabalho e Capital..	89
Parte I - Desigualdades Oriundas da Natureza dos Próprios	
Empregos .....	89
Parte II - Desigualdades pela Política da Europa .....	104
Capítulo 11	
Da Renda da Terra .....	123
Parte I - Do Produto da Terra que Sempre Fornece Renda.....	125
Parte II - Do Produto da Terra que Às Vezes Proporciona	
Renda, e Outras Não.....	136
Parte III - Das Variações na Proporção entre os Respective	
Valores daquele Tipo de Produto que Sempre Proporciona Renda,	
e Daquele que Às Vezes Proporciona e Outras Não .....	146

## **LIVRO DOIS**

Da Natureza, do Acúmulo e do Emprego de Capital.....	211
Introdução .....	212
Capítulo 1	
Da Divisão do Capital.....	214
Capítulo 2	
Do Dinheiro Considerado uma Parte Específica do Capital Geral	
da Sociedade, ou dos Gastos de Manutenção do Capital Nacional .....	220
Capítulo 3	
Do Acúmulo de Capital ou do Trabalho Produtivo e Improdutivo .....	255
Capítulo 4	
Do Capital Emprestado a Juros.....	270
Capítulo 5	
Dos Diferentes Empregos de Capitais .....	277

## **LIVRO TRÊS**

Do Diferente Progresso de Opulência em Diferentes Nações.....	291
---	-----

Capítulo 1	
Do Progresso Natural da Opulência .....	292
Capítulo 2	
Do Desestímulo da Agricultura no Antigo Estado da Europa Após a Queda do Império Romano .....	296
Capítulo 3	
Da Ascensão e do Progresso das Cidades e dos Centros Comerciais Após a Queda do Império Romano .....	305
Capítulo 4	
Como o Comércio das Cidades Contribuiu para o Desenvolvimento do Campo.....	314

### ***LIVRO QUATRO***

Dos Sistemas de Economia Política .....	325
Introdução .....	326
Capítulo 1	
Do Princípio do Sistema Comercial ou Mercantil.....	327
Capítulo 2	
Das Restrições nas Importações de Países Estrangeiros das Mercadorias que Podem Ser Produzidas Internamente .....	345
Capítulo 3	
Das Restrições Extraordinárias na Importação de Produtos de Quase Todos os Tipos Daqueles Países com os quais o Saldo Supõe-se Ser Desvantajoso .....	361
Parte I - Da Irracionalidade Dessas Restrições até Mesmo com Relação aos Princípios do Sistema Comercial .....	361
Parte II - Da Irracionalidade Daquelas Restrições Extraordinárias Conforme Outros Princípios .....	374
Capítulo 4	
Dos Ressarcimentos.....	382
Capítulo 5	
Das Bonificações .....	387
Capítulo 6	
Dos Tratados de Comércio.....	417

Capítulo 7	
Das Colônias.....	427
Parte I - Das Razões para o Estabelecimento de Novas Colônias ...	427
Parte II - Causas da Prosperidade de Novas Colônias .....	434
Parte III - Das Vantagens que a Europa Obteve a partir da Descoberta da América e da Passagem para as Índias Orientais pelo Cabo da Boa Esperança .....	454
Capítulo 8	
Conclusão do Sistema Mercantil .....	494
Capítulo 9	
Dos Sistemas Agrícolas ou Daqueles Sistemas de Economia Política que Representam a Produção da Terra como a Única ou a Principal Fonte de Renda e de Riqueza de Todo País .....	510
 <b>LIVRO CINCO</b>	
Da Renda do Soberano ou da Nação .....	533
Capítulo 1	
Dos Gastos do Soberano ou da Nação.....	534
Parte I - Dos Gastos com a Defesa .....	534
Parte II - Dos Gastos com a Justiça .....	548
Parte III - Dos Gastos com as Obras e as Instituições Públicas .....	558
Parte IV - Das Despesas do Sustento da Dignidade do Soberano...	629
Capítulo 2	
Das Fontes da Receita Geral ou Pública da Sociedade.....	632
Parte I - Dos Fundos ou Fontes de Rendas que Podem Pertencer Particularmente ao Soberano ou à Nação.....	632
Parte II - Dos Impostos.....	638
Capítulo 3	
Das Dívidas Públicas .....	709
Apêndice .....	745

# Introdução e Plano de Trabalho

---

O trabalho anual de cada nação é o fundo que originalmente proporciona todas as necessidades e conveniências da vida que são consumidas anualmente, e que consiste sempre na produção imediata desse trabalho ou naquilo que é adquirido de outras nações com essa produção. Sendo assim, essa produção, ou tudo que dela é adquirido, possui uma proporção maior ou menor com relação ao número de pessoas que a consumirão, a nação será melhor ou pior quando receber todas as necessidades e conveniências de que necessita. No entanto, essa proporção deverá ser regulada em todas as nações por duas diferentes circunstâncias: em primeiro lugar, pela habilidade, destreza e julgamento por meio do qual esse trabalho é geralmente colocado em prática; e em segundo lugar, pela proporção entre o número daqueles que estão e dos que não estão devidamente empregados em trabalhos úteis. Independentemente do solo, clima ou extensão territorial de qualquer nação em particular, a abundância ou escassez de seu abastecimento anual irá, em cada situação específica, depender dessas duas circunstâncias.

A abundância ou escassez desse suprimento também parece depender mais da primeira circunstância do que da segunda. Entre as nações selvagens de caçadores e pescadores, todo indivíduo capaz de trabalhar está mais ou menos empregado em trabalhos úteis e empenha-se para proporcionar, da melhor maneira possível, as necessidades e conveniências da vida, para si mesmo e para a sua família, ou tribo, que seja composta por pessoas idosas demais, jovens demais ou enfermos demais para caçar ou pescar. Essas nações, porém, são tão infinitamente pobres que acabam quase sempre sendo conduzidas, ou ao menos acreditam que o são, à necessidade de destruir ou abandonar seus filhos, seus parentes mais idosos e também aqueles tomados por doenças sem cura que, por sua vez, irão morrer de fome ou ser devorados por animais selvagens.

Nas nações civilizadas e prósperas, ao contrário, um grande número de pessoas não trabalha, muitos dos quais consomem a produção de até dez vezes, chegando ao consumo de até cem vezes mais trabalho do que a maior parte das pessoas que trabalham. Contudo, a produção total do trabalho da sociedade é tão grande que geralmente todos recebem provisões abundantes, e um operário, mesmo aquele da classe mais baixa e pobre, se for econômico e habilidoso, poderá

desfrutar uma parcela maior das necessidades e conveniências da vida do que é possível que qualquer homem selvagem venha a adquirir.

As causas dessas melhorias nas forças produtivas do trabalho, e a ordem, de acordo com a qual essa produção é naturalmente distribuída entre as diferentes classes e condições dos homens na sociedade, é o assunto abordado no primeiro livro desta Investigação.

Seja qual for o atual estado da habilidade, destreza e julgamento com o qual o trabalho é desempenhado em qualquer nação, a abundância ou escassez desse abastecimento anual irá depender, durante a continuação desse estado, da proporção entre o número daqueles que são e daqueles que não são anualmente empregados em trabalhos úteis. O número de trabalhadores úteis e produtivos, veremos a seguir, é sempre proporcional à quantidade do capital necessário para proporcionar trabalho e a tudo o que é preciso para que isso aconteça. O livro dois, portanto, fala da natureza do capital, da maneira pela qual ele é gradativamente acumulado e das diferentes quantidades de trabalho que proporciona, de acordo com as diferentes formas com que é empregado.

As nações aceitavelmente avançadas em suas habilidades, destrezas e julgamento na aplicação de trabalho seguem planos bastante diferentes em sua conduta ou direção geral; esses planos nem sempre são igualmente favoráveis à grandeza de sua produção. A política de certas nações oferece uma motivação extraordinária à indústria do país; e outras ao processo industrial de seus centros urbanos. Raramente uma nação opera com igualdade e imparcialidade em todos os ramos da indústria.

Desde a queda do império romano, a política da Europa tem sido mais favorável às artes, manufaturas e comércio, a indústria das cidades, do que à agricultura, a indústria do país. As circunstâncias que parecem ter introduzido e estabelecido essa política são explicadas no livro três.

De qualquer modo, esses diferentes planos talvez tenham sido primeiramente introduzidos por interesses particulares e preconceitos de algumas classes de homens, sem qualquer consideração ou presciência de suas consequências com relação ao bem-estar geral da sociedade; contudo, foram eles os responsáveis pelas diferentes teorias de economia política, sendo que algumas delas engrandecem a importância dessa indústria que é desenvolvida nas cidades, bem como daquela que toma conta do país. Essas teorias causam uma influência considerável, não somente nas opiniões de homens cultos, mas também na conduta pública de príncipes e Estados soberanos. No quarto livro procuro explicar, da forma mais completa e clara possível, essas diferentes teorias e os principais efeitos que surtiram em diferentes épocas e nações.

Explicar no que consiste a renda da grande massa do povo, ou qual é a natureza dos fundos que, em diferentes épocas e nações, abastecem seu consumo anual, é o objetivo desses quatro primeiros livros.

O quinto e último livro fala da renda do soberano, ou do Estado em geral. Nesse livro procuro mostrar, em primeiro lugar, quais são as despesas necessárias do soberano, ou do povo; quais dessas despesas devem ser pagas por meio da



contribuição geral de toda a sociedade, e quais delas deverão ser de responsabilidade das partes privadas, ou de alguns de seus membros específicos. Em segundo lugar, quais são os diferentes métodos pelos quais a sociedade como um todo pode ser levada a contribuir para com o pagamento das despesas da sociedade em geral e quais são as mais importantes vantagens e inconveniências de cada um desses métodos; e, em terceiro e último lugar, quais são as razões e as causas que induziram quase todos os governos atuais a financiar alguma parte dessa renda ou de contrair dívidas, e quais são os efeitos dessas dívidas sobre a riqueza real, a produção anual da terra e do trabalho da sociedade.





# LIVRO UM

Das Causas da Melhoria nas Forças Produtivas do Trabalho e da Ordem de acordo com as quais sua Produção É Naturalmente Distribuída entre as Diferentes Classes de Pessoas.

# Capítulo 1

## Da Divisão do Trabalho

---

A principal melhoria na força produtiva do trabalho, e a parte mais importante da habilidade, destreza e julgamento com o qual ele é direcionado ou aplicado, parecem ter sido os efeitos da divisão do trabalho.

Os efeitos dessa divisão, nos negócios de modo geral da sociedade, serão mais facilmente compreendidos quando considerarmos a maneira pela qual eles operam em certas produções.

Quase sempre imaginamos que as coisas são levadas mais a sério em algumas situações mais insignificantes, talvez não por serem de fato mais amplas ou mais importantes do que outras; mas naquelas produções não tão importantes que são destinadas a suprir as necessidades básicas de apenas um pequeno número de pessoas, sendo que o número total de trabalhadores deve necessariamente ser pequeno; e aqueles que estão empregados em cada uma das diferentes divisões do trabalho podem normalmente ser colocados na mesma operação sob a vista do espectador. Nas grandes produções, ao contrário, que são destinadas a suprir as grandes necessidades do principal número de pessoas, todas as diferentes ramificações do trabalho empregam um número tão grande de trabalhadores que fica impossível manter todos no mesmo local de trabalho. Raramente podemos ver mais, ao menos de uma só vez, do que aqueles que estão empregados em um único local. Mesmo que nessas produções o trabalho possa de fato ser dividido em um número muito maior de partes do que naqueles de uma natureza mais simples, a divisão não é assim tão óbvia e por essa razão acaba sendo menos controlada.

Assim, citaremos o exemplo de uma produção muito simples, mas na qual a divisão de trabalho sempre tem demonstrado ser relevante, que é o comércio do fabricante de alfinetes, um trabalhador não educado para esse negócio (cuja divisão de trabalho criou um negócio distinto), não familiarizado com o uso do maquinário empregado no processo (cuja invenção foi causada provavelmente pela mesma divisão de trabalho), seria capaz, talvez, em seu mais elevado nível de produção, de fabricar um pino por dia, e certamente não seria capaz de fabricar 20 deles. No entanto, da forma como esse negócio está agora sendo executado, não apenas todo o trabalho compõe um comércio peculiar, como também é dividido em um número de filiais, das quais a maior parte é composta também de

comércios peculiares. Um homem puxa o arame, um outro o ajusta, um terceiro o corta, um quarto o afina e um quinto afia sua ponta para receber a cabeça. A fabricação da cabeça requer duas ou três operações diferentes: colocá-la sobre o alfinete é um trabalho especial; embranquecê-los é um outro processo igualmente diferenciado; colocá-los em embalagens constitui ainda um outro trabalho, e o importante negócio de fazer alfinetes é, dessa forma, dividido em cerca de 18 operações distintas que, em algumas fábricas, são todas realizadas por mãos diferentes, embora em outras o mesmo homem, às vezes, realize duas ou três delas.

Eu conheci uma pequena fábrica desse tipo em que somente dez homens estavam empregados, sendo que alguns deles conseqüentemente realizavam duas ou três operações diferentes. No entanto, apesar de serem muito pobres e, portanto, totalmente acostumados com o maquinário necessário para o trabalho, eles conseguiam, quando se esforçavam muito, fabricar cerca de cinco quilos de alfinetes em um dia. Em um quilo há mais de 4 mil alfinetes de tamanho médio. Aquelas dez pessoas, portanto, conseguiam fabricar até 48 mil alfinetes por dia. Cada uma delas, portanto, fabricando um décimo de 48 mil alfinetes, podia ser considerada responsável pela fabricação de 4.800 alfinetes em um dia. No entanto, se todos eles tivessem trabalhado separados e independentes, e sem que qualquer um deles tivesse sido treinado para esse trabalho específico, certamente não haveria como cada um deles produzir 20 alfinetes, talvez nem um só alfinete por dia; isto é, provavelmente, não os 240, talvez não os 4.800 do total que hoje são capazes de fabricar, em consequência de uma divisão adequada e de uma combinação de suas diferentes operações.

Em quase todas as artes e produções, os efeitos da divisão do trabalho são semelhantes aos mostrados nesse pequeno exemplo, embora, em muitos deles, o trabalho não possa ser muito subdividido nem reduzido a uma simplicidade tão grande de operação. A divisão de trabalho, porém, até onde pode ser introduzida, causa, em cada uma das artes, um aumento proporcional da capacidade produtiva do trabalho. A separação de diferentes comércios e empregos parece acontecer em consequência dessa vantagem. Essa separação também é geralmente empregada com maior seriedade nos países que contam com um grau mais elevado de processos industriais e desenvolvimento; aquele que é o trabalho de um homem em um estado rudimentar da sociedade é o mesmo de vários operários em uma sociedade mais desenvolvida. Em todas as sociedades mais desenvolvidas, o fazendeiro nada mais é do que um fazendeiro; o fabricante, apenas um fabricante. O trabalho que também é necessário para produzir qualquer coisa por completo é quase sempre dividido entre um grande número de mãos. Quantos diferentes tipos de trabalho são necessários para cada uma das ramificações das produções de linho e lã de seus produtores, dos branqueadores e amaciadores de linho, ou dos tintureiros e cortadores de tecido!

A natureza da agricultura, na verdade, não aceita tantas subdivisões de trabalho, nem tampouco uma separação tão completa de um só negócio, como acontece nas linhas de fabricação. É impossível separar de modo tão completo o trabalho do criador de gado do criador de milho, como o trabalho do carpinteiro é

comumente separado do trabalho do ferreiro. A fiandeira é quase sempre diferente da pessoa do tecelão; mas o lavrador, o gradador, o semeador e o colhedor de milho são geralmente a mesma pessoa. Com as oportunidades para esses diferentes tipos de trabalho, que voltam a existir nas diferentes estações do ano, fica impossível que apenas um homem possa estar constantemente empregado em qualquer um deles. Essa impossibilidade de fazer uma separação tão completa e total de todas as diferentes ramificações de trabalho necessárias na agricultura é talvez a razão pela qual a melhoria da competência produtiva do trabalho nessa arte nem sempre acompanhe os aperfeiçoamentos nas fabricações de outra natureza. As nações mais opulentas, na realidade, geralmente sobrepujam todos os seus vizinhos na agricultura, assim como nas manufaturas, mas são quase sempre mais diferenciadas por sua superioridade nas fabricações do que na agricultura. Suas terras são em geral mais bem cultivadas e, por terem mais trabalho e despesas, produzem mais em proporção ao grau de fertilidade natural do solo. No entanto, essa superioridade de produção raramente é muito maior do que a proporção na superioridade de trabalho e despesas. Na agricultura, o trabalho do país rico nem sempre é muito mais produtivo do que o do país mais pobre; ou, ao menos, ele nunca é tão mais produtivo, como geralmente acontece nas fabricações. O milho do país rico, portanto, nem sempre, no mesmo grau de qualidade, será mais barato no mercado do que o do país pobre. O milho da Polônia, no mesmo grau de qualidade, é tão barato quanto o da França, apesar da opulência superior e maior desenvolvimento deste país.

O milho da França é, nas províncias de milho, muito bom, e na maioria dos anos é vendido, quase sempre, pelo mesmo preço do milho da Inglaterra, embora em opulência e desenvolvimento a França seja talvez inferior à Inglaterra. Os plantios de milho da Inglaterra, porém, são melhor cultivados do que os da França, e dizem que as terras da França são mais bem cultivadas do que as da Polônia. No entanto, o país mais pobre, apesar da inferioridade de seu cultivo, pode, até certo ponto, competir com o país mais rico no preço e na qualidade de seu milho, embora não possa desempenhar a mesma competição em suas manufaturas, a não ser que essas produções dependam do solo, do clima e da situação do país rico. As sedas da França são melhores e mais baratas do que as da Inglaterra, porque a produção de seda, ao menos diante dos atuais impostos elevados sobre a importação de seda em estado bruto, não é favorável ao clima da Inglaterra como acontece na França. Entretanto, as ferramentas e as lãs mais rudimentares da Inglaterra são, sem sombra de dúvida, superiores às da França, e também muito mais baratas no mesmo grau de qualidade. Dizem que na Polônia existe escassez de fabricação de qualquer espécie, com exceção de apenas alguns fabricantes de eletrodomésticos mais simples, sem os quais nenhum país é capaz de subsistir.

Esse grande aumento da quantidade de trabalho que, em consequência de sua divisão, com o mesmo número de pessoas é capaz de realizar, deve-se a três diferentes circunstâncias: a primeira, o aumento de destreza de todos os operários; a segunda, a economia de tempo que geralmente se perde ao transferir-se de uma espécie de trabalho para outra; e, por último, a invenção de um grande

número de máquinas que facilitam e reduzem o trabalho, capacitando um homem a realizar o trabalho de muitos.

Em primeiro lugar, o aperfeiçoamento da destreza do operário irá fatalmente aumentar a quantidade de trabalho que ele é capaz de realizar, e a divisão de trabalho, ao reduzir o trabalho de cada pessoa a uma simples operação, e por tornar essa operação o único emprego de sua vida, necessariamente faz aumentar, de modo considerável, a destreza do trabalhador. Um simples ferreiro que, embora acostumado a lidar com o martelo, nunca tenha sido usado para fazer pregos, se confrontado com essa obrigação em particular e for obrigado a realizá-la, irá dificilmente, tenho certeza, ser capaz de fabricar 200 ou 300 pregos em um dia, e ainda assim com pouca qualidade. Um ferreiro que esteja acostumado a fabricar pregos, mas cuja função principal ou única não seja a de um fabricante de pregos, raramente é capaz de fabricar mais do que 800 a 1.000 pregos em um dia, mesmo trabalhando em seu limite máximo.

Eu já vi diversos garotos com menos de 20 anos de idade que jamais exerceram qualquer outra atividade que não a de fabricar pregos e que, ao dar o máximo de si, são capazes, cada um deles, de produzir 2.300 pregos em um só dia. A fabricação de um prego, no entanto, não é, de forma alguma, uma das operações mais simples. A mesma pessoa usa o fole de ferreiro, remenda ou conserta com o fogo quando necessário, aquece o ferro e produz cada uma de suas partes e, ao forjar a cabeça, também é obrigado a trocar suas ferramentas. As diferentes operações da fabricação de um alfinete, ou de um botão de metal, são subdivididas, sendo que todas são muito mais simples, e a habilidade das pessoas, que têm como única obrigação na vida esse trabalho, geralmente é muito maior. A rapidez com a qual algumas das operações desses fabricantes são realizadas ultrapassa aquilo que a mão humana seria, por aqueles que jamais conheceram essa função, capaz de realizar.

Em segundo lugar, a vantagem que se ganha ao economizar o tempo que normalmente se perde ao mudar de um tipo de trabalho para outro é muito maior do que imaginamos a princípio. É impossível passarmos com muita rapidez de um tipo de trabalho para outro que seja realizado em um lugar diferente e com ferramentas muito distintas. Um tecelão rural, que cultiva uma pequena fazenda, deve perder muito tempo ao ir de seu tear para o campo, e do campo para o seu tear. Quando os dois trabalhos podem ser realizados no mesmo local, a perda de tempo é sem dúvida menor. No entanto, mesmo nesse caso, ela é considerável. Um homem normalmente perambula um pouco ao passar suas mãos de um tipo de trabalho para outro. Quando inicia o novo trabalho, dificilmente está empenhado e disposto o suficiente; sua mente, como dizem, não chega lá, e por alguns instantes ele prefere se entreter do que iniciar de imediato. O hábito de divagar e de não se aplicar de modo cuidadoso, que é natural, ou até necessariamente adquirido por todo trabalhador rural que é obrigado a trocar de trabalho e ferramentas a cada meia hora, e colocar suas mãos em 20 diferentes tipos de operação quase todos os dias de sua vida, confere-lhe o direito de atuar de modo indolente e preguiçoso, bem como de alguma forma incapaz de qualquer aplicação vigorosa



mesmo nas ocasiões de maior urgência. Independentemente, portanto, de sua deficiência em destreza, somente essa causa deve sempre reduzir de maneira considerável a quantidade de trabalho que ele é capaz de realizar.

Em terceiro e último lugar, todos devemos ser sensatos a respeito da quantidade de trabalho que é facilitada e reduzida por meio do uso do maquinário adequado. Não é necessário citarmos exemplos. Quero somente observar, portanto, que a invenção de todas essas máquinas pelas quais o trabalho é tão facilitado e reduzido parece ter sido causada pela divisão do trabalho. As pessoas muito provavelmente são mais capazes de descobrir métodos mais simples e mais fáceis de desempenhar qualquer função quando toda a atenção de suas mentes está direcionada para aquele único objetivo do que quando ela é dissipada entre uma grande variedade de coisas. No entanto, em consequência da divisão de trabalho, toda a atenção das pessoas passa a ser naturalmente direcionada para somente um objetivo mais simples. É natural, portanto, esperarmos que algumas pessoas que estão empregadas em determinadas ramificações de trabalho em pouco tempo descubram métodos mais simples e mais fáceis de realizar seu próprio trabalho, seja qual for sua natureza. Uma grande parte das máquinas usadas nessas fabricações em que o trabalho é subdividido foram originalmente invenções de trabalhadores comuns que, por estarem empregados em alguma operação muito simples, naturalmente voltaram seus pensamentos para a descoberta de métodos mais simples e mais práticos para a sua realização.

Qualquer indivíduo acostumado a visitar essas fabricações sempre encontra máquinas muito bonitas, que foram invenções desses trabalhadores no intuito de facilitar e agilizar sua parte específica do trabalho.

Nos primeiros motores de combustão, um garoto era sempre chamado para abrir e fechar, de modo alternado, a comunicação entre a caldeira e o cilindro, toda vez que o pistão subia ou descia. Um desses garotos, que adorava brincar com seus companheiros, observou que, ao amarrar um cordão do cabo da válvula que abria essa comunicação até uma outra parte da máquina, a válvula abria e fechava sozinha, e o deixava livre para brincar com seus colegas. Um dos maiores aperfeiçoamentos feitos nessa máquina, desde que foi inventada, resultou da descoberta de um garoto que queria reduzir seu próprio trabalho. Todas as melhorias nesse maquinário, porém, nunca foram, de modo algum, resultado das invenções daqueles que tinham de usar as máquinas. Muitos aprimoramentos são resultado da perspicácia dos criadores das máquinas, quando sua fabricação se torna o negócio de um comércio específico; e também de alguns daqueles que são chamados de filósofos ou homens de especulação, cujo trabalho é não fazer nada, mas observar tudo; e que, por causa disso, são geralmente capazes de combinar as forças dos objetivos mais distantes e inusitados.

No progresso da sociedade, a filosofia ou a especulação se torna, como qualquer outro trabalho, a única ou principal atividade e ocupação de uma classe específica de cidadãos. Assim como em qualquer outra função, ela é subdividida em um grande número de diferentes ramificações, cada uma das quais proporcio-



nando ocupação para uma determinada tribo ou classe de filósofos, e essa subdivisão de empregos na filosofia, bem como em qualquer outro negócio, aprimora a destreza, além de economizar tempo. Cada indivíduo torna-se mais especializado em sua própria ramificação, mais trabalho é desenvolvido no total e a quantidade de ciência também aumenta de maneira considerável.

Essa é a grande multiplicação das produções de todas as diferentes artes, em consequência da divisão de trabalho, que ocasiona, em uma sociedade bem governada, aquela opulência universal que se estende até as classes mais baixas da sociedade. Todo trabalhador tem uma grande quantidade de seu próprio trabalho de que pode se dispor além daquilo que já executa, e muitos outros trabalhadores, estando na mesma situação, são capazes de trocar uma grande quantidade de seus bens por um bom preço. São capazes de suprir com abundância aquilo que têm e se acomodam com isso tudo, sendo que muitas dessas coisas se espalham pelas diferentes camadas da sociedade.

Observe a acomodação do mais comum artesão ou de um trabalhador diurno em um país civilizado e eficiente e irá notar que o número de pessoas que têm uma participação em alguma indústria, mesmo que apenas uma pequena parte, é empregado para proporcionar a ele essa acomodação, excedendo qualquer cálculo. O casaco de lã, por exemplo, que cobre o trabalhador diurno, por mais rudimentar e áspero que possa parecer, é a produção da união do trabalho de uma grande quantidade de trabalhadores. O pastor, o separador da lã, o penteador ou cardador da lã, o tintureiro, o rabiscador, o fiandeiro, o tecelão, o pisoeiro, o camareiro, com muitos outros, devem todos unir suas diferentes artes a fim de completar até mesmo essa simples produção caseira.

Além disso, quantos mercadores e carregadores devem ter sido empregados para o transporte dos materiais de alguns desses trabalhadores para outros que geralmente vivem em uma parte mais afastada do país! Quanto comércio e navegação, quantos construtores de navios, marinheiros, fabricantes de velas de barco, fabricantes de cordas, devem ter sido empregados a fim de juntar todos os diferentes corantes usados pelo tintureiro, que geralmente vêm dos cantos mais remotos do mundo! Além disso, quanta variedade de trabalho é necessária para a produção das ferramentas dos mais simples operários! Isso para não mencionarmos nada a respeito das complexas máquinas como o navio do marinheiro, o moinho do pisoeiro, ou até mesmo o tear do tecelão. Vamos considerar também a variedade de trabalho necessária para criar esse simples maquinário, as tesouras com as quais os pastores tosam a lã. O minerador, o construtor da fornalha para a fundição do minério, o vendedor da madeira, o responsável pelo carvão a ser utilizado nas fundições, o fabricante de tijolos, o pedreiro, o trabalhador que cuida da fornalha, o construtor de moinhos, o moldador, o ferreiro, todos devem unir suas diferentes artes para que tudo seja produzido.

Se, da mesma maneira, examinarmos todas as diferentes partes de suas vestes e dos móveis em suas casas, aquela simples camisa de linho que ele usa para proteger a pele, os sapatos que cobrem seus pés, a cama onde descansa e todas as

diferentes partes que a compõem, o fogão onde preparam seus mantimentos, a lenha ou o gás também usado para esse propósito, tirados das profundezas da terra, e levados até as casas possivelmente depois de cruzar um longo caminho além-mar e mais outros tantos quilômetros por terra, todos os demais utensílios de sua cozinha, todos os objetos de sua mesa, as facas e os garfos, os pratos de cerâmica ou alumínio que usa para servir-se e dividir seus mantimentos, as diferentes mãos utilizadas na preparação de seu pão e de sua cerveja, a janela de vidro que permite a entrada de calor e luz e mantém o vento e a chuva lá fora, com todo o conhecimento e arte necessários para a preparação daquela bela e feliz invenção, sem a qual essas partes do norte do mundo mal teriam condições de possuir uma casa confortável, com as ferramentas de todos os diferentes trabalhadores empregados na produção daquelas diversas conveniências. Posso dizer que, se examinarmos todas essas coisas, e considerarmos a variedade de trabalho necessária para cada uma delas, veremos que, sem a ajuda e a cooperação de muitas milhares de pessoas, a pessoa mais simples em um país civilizado não seria capaz de ter as coisas de que precisa, mesmo que falsamente imaginássemos uma maneira mais simples e fácil de sobreviver comparada a esta a que está acostumado. Assim, comparados com o luxo mais extravagante das pessoas mais ricas, sua acomodação irá parecer, sem dúvida, extremamente simples e fácil de se obter e, embora isso talvez seja verdade, a acomodação de um príncipe europeu nem sempre é superior à de um camponês simples e trabalhador como a acomodação do camponês pode ser ainda superior a de um rei africano, um mestre absoluto das vidas e liberdades de 10 mil homens selvagens que nem sequer têm o que vestir.

## Capítulo 2

# Do Princípio que Leva à Divisão do Trabalho

---

Essa divisão do trabalho, da qual tantas vantagens derivam, não é originalmente o efeito de qualquer tipo de sabedoria humana que prevê e planeja aquela opulência geral que gera. Ela é algo necessário, embora seja muito lenta e a consequência gradativa de uma certa propensão da natureza humana que não tem em vista essa mesma utilidade abrangente, a tendência de trocar, permutar e cambiar uma coisa por outra.

Não importa se essa propensão é um desses princípios originais da natureza humana que nem temos como explicar de fato, ou se é, como parece mais provável, a consequência necessária das faculdades da razão e da linguagem que não faz parte de nosso atual tema a ser investigado. É algo comum a todas as pessoas, e que não será encontrado em nenhuma outra raça de animais, que parecem não conhecer esta nem nenhuma outra espécie de contrato. Dois cachorros de caça, ao encurralar uma mesma lebre, às vezes parecem agir em uma espécie de unísono. Cada um deles empurra o animal na direção de seu companheiro, ou procura interceptá-lo quando seu companheiro faz com que ele se vire para outro lado. Isso, entretanto, não é o efeito de qualquer contrato predeterminado, mas da cooperação acidental de seu desejo pelo mesmo objetivo naquele determinado momento. Nunca ninguém viu um cachorro realizar uma troca justa e deliberada de um osso por outro com outro cachorro. Nunca ninguém viu um animal por meio de seus gestos e choramingos naturais sinalizar para outro algo como “isso é meu”, “aquilo é seu”, “posso lhe dar isso em troca daquilo”. Quando um animal deseja conseguir algo de um homem ou de um outro animal, ele não possui um outro meio de persuasão que não seja ganhar o favor daqueles que contam com seus serviços. Um filhote bajula sua mãe, e um *cocker spaniel* tenta de todas as formas atrair a atenção de seu mestre que está à mesa do jantar quando deseja ser alimentado por ele. O homem às vezes usa essa mesma artimanha com seus irmãos, e quando não consegue de nenhuma outra maneira convencê-los de agir de acordo com sua vontade, tenta de todos os modos e bajulações conquistar sua

atenção, embora nem sempre tenha tempo para conseguir o que quer. Em uma sociedade civilizada, ele permanece o tempo todo em busca de cooperação e ajuda de todos os tipos, enquanto durante toda a sua vida não consegue conquistar a amizade de algumas poucas pessoas. Em quase todas as raças de animais, cada indivíduo, quando envelhece, torna-se totalmente independente, e em seu estado natural não consegue obter ajuda de nenhum outro ser vivo. No entanto, o homem quase sempre consegue o auxílio de seus irmãos, e de nada lhe adianta contar apenas com sua própria benevolência. Ele terá mais chances de prevalecer se for capaz de usar seu amor próprio em seu favor, e mostrar às outras pessoas que lhes será vantajoso fazer por ele aquilo de que necessita. Aquele que oferece a outro uma troca de qualquer espécie se mostra disposto a fazer o mesmo. Dê-me aquilo que quero, e você terá o que quer, é o significado dessas ofertas; e é dessa maneira que obtemos uns dos outros a maior parte de tudo aquilo que precisamos. Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração de seu próprio interesse. Referimo-nos não à sua humanidade, mas ao seu amor-próprio, e jamais falamos com eles de nossas próprias necessidades, mas de suas vantagens. Somente um mendigo decide depender principalmente da benevolência de seus próximos. Nem mesmo um mendigo depende desse tipo de ajuda de modo exclusivo. A caridade das pessoas benevolentes, na verdade, confere-lhes todo o sustento de sua subsistência, mas apesar desse princípio, no final das contas, garantir-lhe todas as necessidades da vida que ele possa ter, ela não proporciona nem pode lhes proporcionar tudo no momento certo. A maior parte de seus desejos ocasionais é suprida da mesma forma que a das outras pessoas, por meio de acordos, trocas e compras. Com o dinheiro que alguém lhe dá, ele compra alimento. Com as roupas velhas que outra pessoa lhe doa, ele troca por outras roupas velhas que lhe servem melhor, ou por alojamento, ou por comida, ou por dinheiro, com o qual pode comprar mais comida, roupas ou alojamento, conforme sua necessidade.

Pelo fato de ser por acordos, trocas ou compras que obtemos uns dos outros a maior parte daquelas necessidades mútuas que esperamos, temos a mesma disposição de permuta que originalmente causa a divisão do trabalho. Em uma tribo de caçadores ou pastores, uma pessoa em especial faz arcos e flechas, por exemplo, com mais habilidade e destreza do que qualquer outra. Ela o tempo todo permuta sua fabricação em troca de gado ou de carne de cervo com seus companheiros e, finalmente, descobre que, dessa forma, é capaz de conseguir mais gado e mais carne do que se ele próprio saísse ao campo para caçar. Em consideração a seu próprio interesse, portanto, a fabricação de arcos e flechas passa a ser sua principal atividade, e ele se torna um tipo de fabricante de armas. Um outro se sobressai na produção de armações e coberturas de suas pequenas cabanas ou casas móveis. Ele está acostumado a ser chamado para desempenhar essa função para os seus vizinhos, que o recompensam da mesma maneira, com gado e com carne de cervo, até que, finalmente, ele descobre ser de seu interesse se dedicar inteiramente a essa atividade, e a se tornar uma espécie de carpinteiro de casas.

Da mesma forma, um terceiro se torna um ferreiro ou um braseiro, um quarto um curtidor ou um preparador de peles de animais, componente primordial da roupa dos homens rudes. Dessa maneira, a certeza de ser capaz de permutar toda aquela parte excedente da produção de seu próprio trabalho, que está além de seu próprio consumo, pelas partes da produção do trabalho de outros homens das quais ele possa necessitar, encoraja qualquer pessoa a dedicar-se a uma determinada ocupação, e a cultivar e aperfeiçoar qualquer talento ou capacidade que possa possuir para aquele determinado tipo de atividade.

A diferença de talentos naturais em diferentes homens é, na realidade, muito menor do que imaginamos; e exatamente a capacidade que surge para distinguir os homens em diferentes profissões, quando envelhecem e amadurecem, não é em muitos casos a causa, mas sim o efeito da divisão de trabalho. A diferença entre as pessoas mais dissimilares, entre um filósofo e um simples carregador de rua, por exemplo, parece surgir não tanto da natureza, mas sim do hábito, do costume e da educação. Quando chegaram ao mundo, e durante seus primeiros seis ou oito anos de existência, eles provavelmente eram muito parecidos, e nem seus pais nem seus colegas eram capazes de notar qualquer diferença marcante. Por volta dessa idade, ou pouco depois, eles passam a ser empregados em ocupações muito diferentes.

A diferença de talentos passa então a ser notada e aumenta consideravelmente, até que, finalmente, a vaidade do filósofo se mostra disposta a reconhecer que existe pouca semelhança entre eles. No entanto, sem a disposição de permutar, trocar e cambiar, todas as pessoas devem alcançar para si mesmas tudo aquilo que é necessário e conveniente na vida que desejam. Todos devem ter tido as mesmas obrigações a cumprir, o mesmo trabalho a realizar, e não poderia existir essa diferença de trabalho se não por sua diferença de talentos.

Por ser essa disposição responsável a criar essa diferença de talentos, tão marcante entre os homens de diferentes profissões, vemos que é ela também que torna essa diferença útil. Muitas tribos de animais reconhecidas como sendo de uma mesma espécie derivam da natureza uma distinção muito mais marcante de capacidades do que aquilo que, anterior a seus hábitos e educação, parece acontecer entre os homens. Por natureza, um filósofo não é, em sua capacidade e disposição, nem metade diferente de um carregador de rua, assim como um cão *mastiff* não é tão diferente de um *greyhound*, ou um *greyhound* de um *cocker spaniel*, nem este último de um cão pastor. No entanto, esses diferentes grupos de animais, mesmo sendo todos da mesma espécie, são pouco úteis uns para com os outros.

A força do cão fila não é de forma alguma confirmada pela rapidez do *greyhound*, nem pela sagacidade do *cocker spaniel*, ou pela docilidade do cão pastor. Os efeitos dessas diferentes capacidades e talentos, por desejo do poder ou disposição de trocar e permutar, não podem ser considerados uma ação comum, e de forma alguma contribuem para a melhor acomodação e conveniência das espécies. Cada animal é ainda obrigado a se sustentar e a se defender de modo

isolado e independente, e não recebe nenhum tipo de vantagem daquela variedade de talentos que a natureza usa para distinguir seus companheiros.

Entre os homens, ao contrário, as mais diferentes habilidades são de uso particular, mas as diferentes produções de seus respectivos talentos, pela disposição geral de trocar, permutar e cambiar, são consideradas uma ação comum, em que todos podem adquirir qualquer parte da produção que resulta dos talentos de outros homens que ele possa desejar.